

Núcleo de Educação Popular 13 de Maio - São Paulo, SP  
**CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA**

Tel. (11) 92357060 ou (48) 96409331 e-mail: [criticasemanal@uol.com.br](mailto:criticasemanal@uol.com.br)

EDIÇÃO nº 1088; ano 26; 1ª Semana Dezembro 2011.

## As burguesias europeias parindo o “novo euro”

*No desdobramento da falida eurozona, uma repetição farsesca da antiga “serpente monetária” ou do Sistema Monetário Europeu (SME) que existiram antes do tratado de Maastricht e da implantação da assim chamada moeda comum europeia.*

JOSÉ MARTINS

Se a doença europeia fosse de natureza puramente econômica, não seria muito difícil encontrar o remédio: desvalorização significativa do euro e emissão de *bônus europeus* (não de Estados nacionais isolados, como agora) para financiar os déficits e dívidas soberanas dos governos da área. A primeira medida rebaixaria a relação câmbio/salário e aumentaria a competitividade das grandes e pequenas economias europeias no comércio internacional. A segunda medida reduziria bastante o risco dos empréstimos bancários aos governos, na medida em que os *bônus europeus* teriam o Tesouro alemão como garantidor direto das novas dívidas – e aumentaria o volume de crédito e de meios de pagamento, como ocorre nos Estados Unidos. Haveria estímulo para retomada generalizada da produção e do emprego. Até o euro poderia durar mais alguns anos.

Mas por que remédios tão eficazes e simples de ser imaginados não são aplicados? Por que a emissão de *bônus europeus* não interessa à Alemanha – e a *desvalorização competitiva* do euro é inaceitável pelos EUA e potências decadentes como Inglaterra, etc. O problema, como se vê, é que a economia capitalista nunca existe no estado puro ou natural. Ela é sempre determinada pelos interesses particulares das diferentes classes sociais nos mercados internos e das potências econômicas no mercado mundial. Por isso a ciência que estuda a reprodução material da sociedade foi corretamente denominada pelos economistas que a fundaram (Petty, Quesnais, Smith, Ricardo...) como *Economia Política*.<sup>1</sup>

A força dos interesses particulares nacionais dos Estados europeus transpareceu como nunca na ridícula cúpula patrocinada nesta semana por Alemanha e França. Em uma tentativa de parecer preocupadas em superar a crise da dívida do bloco, o remédio prescrito pelas duas potências foi o oposto

---

<sup>1</sup> Na primeira frase do seu livro mais famoso – Ricardo, o maior dos economistas, define o que os economistas sérios chamam de modelo ternário das classes sociais de Ricardo: “O produto da terra — tudo que se obtém de sua superfície pela aplicação combinada de trabalho, maquinaria e capital — se divide entre três classes da sociedade, a saber: o proprietário da terra, o dono do capital necessário para seu cultivo e os trabalhadores cujos esforços são empregados no seu cultivo”.

Ricardo, David – *On The Principles of Political Economy and Taxation* [Princípios de Economia Política e Tributação], Tradução de Paulo Henrique Ribeiro Sandroni, Editora Nova Cultural Ltda, 1996, S. Paulo.

daqueles que enumeramos acima. Dos 27 países da União Europeia, 23 concordaram na sexta-feira, 09 Dezembro, em estabelecer um “novo tratado”, desistindo de poderes importantes sobre seus próprios orçamentos. Concordaram com a imposição franco-germânica todos os 17 países que usam o euro, mais a Dinamarca, Letônia, Lituânia, Polônia, Romênia e Bulgária. A Inglaterra e a Hungria deram um "não" claro, estão fora do bloco, mas a Suécia e a República Checa deixaram a porta aberta para assinar o novo acordo em algum momento.

Ao invés de se estimular uma união mais forte, com medidas de estímulo ao crescimento da economia real, Alemanha e França uniram-se para impor a tese que apenas novas regras de estabilização orçamentárias, exageradamente rígidas, podem convencer os banqueiros de que os países do bloco são capazes de pagar suas dívidas. Conversa mole. Vai piorar a situação dos Estados frágeis, pois os limites de endividamento diminuem a já pequena possibilidade dos governos agirem para amortecer a queda da economia. O “novo tratado” seria implementado por meio de mudanças nas Constituições nacionais. Todos os 23 países que aceitaram o tratado se comprometeram a manter seus déficits abaixo de 0,5% do Produto Interno Bruto. Também estão previstas punições automáticas por desobediência. Isso é pura insanidade de anões como Merkel e Sarkozy.

**DESMONTANDO A BOMBA** – O que está por trás dessa absurda revisão do tratado, com endurecimento dos controles das potências imperialistas hegemônicas no bloco (Alemanha e França)? Em primeiro lugar, a confissão prática que o euro está falido. Em segundo, a preocupação em desarmar organizadamente o tratado original, que será abalado seriamente com os procedimentos de expulsão do bloco (ou renúncia voluntária) dos Estados mais frágeis. Sarkozy e Merkel podem estar a imaginar a possibilidade de se salvar pelo menos os tratados comerciais do bloco – mantendo-se até a esperta e arrogante Inglaterra, etc. A União Europeia voltaria a ser *tout simplement* [simplesmente] o velho e tranquilo Mercado Comum Europeu. Uma coisa parecida com Mercosul e outras inutilidades do gênero.

A estratégia de Alemanha e França também carrega um cenário de manutenção da “moeda comum” entre três ou quatro maiores economias do bloco, com as demais moedas nacionais restauradas girando em torno deste “novo euro”. Uma repetição farsesca da antiga “serpente monetária” ou do Sistema Monetário Europeu (SME) que existia antes do tratado de Maastricht e da implantação do euro. Imagina-se que será possível impedir, assim, uma abrupta desvalorização das moedas nacionais restauradas, o que levaria a calotes selvagens dos governos – e a consequente destruição do sistema bancário da Europa e dos Estados Unidos, quer dizer, mundial.

Dois perguntas simples e duas respostas curtas. Alemanha e França vão conseguir desmontar a bomba? Dificilmente. Se não vão conseguir, quando será a explosão? Quando o atual período de expansão da produção mundial e do comércio internacional, que já dura dois anos e meio, entrar em novo período de superprodução e de crise. Só a mais-valia salva. Até lá, conseguirão empurrar a situação com a barriga com espetáculos de baixa categoria, como o que acaba de ser encenado nesta última semana.